

VINTE E DOIS

Ele veste a melhor camisa de botões e manga comprida que tinha. Olha-se no espelho, pela terceira vez. Fica na dúvida se coloca a camisa para dentro ou para fora da calça. Se o sapato combina. Ou se deve usar algo mais social, ou próximo do esportivo. Decide colocar perfume.

O lançamento do livro seria num bairro que poderia pertencer a qualquer país que se acha civilizado. O bairro vive tão aparte do restante da cidade que os seus habitantes têm um ar pernóstico natural. São prepotentes sem saber que estão sendo. Sentem-se como uma espécie de reserva daquilo que de melhor se pode produzir num país. Mas, mesmo lá, as pessoas demonstram que ainda vivem no Brasil, onde o mais rico se acha mais importante que o mais pobre, e, portanto, que não precisa respeitar as mesmas regras.

Carlos Xavier chega devagar à recepção, um pouco envergonhado. Nunca tinha ido num evento desses, mas acha que há algo de curioso: o autor não vai dar autógrafo. Não há uma mesa onde os simples leitores fazem fila à espera da assinatura do escritor. Todos, convidados e penetras, se espalham pelo salão da livraria, balançando as taças com espumante nacional, cada um sorrindo mais que o outro e falando mais alto que o outro. Xavier não sabe muito bem como se comportar nesses ambientes. Fica parado num canto, pesca um dos copos e fica à procura de algo ou alguém. Sua intenção é conseguir alguma informação importante que não seria dada em terreno formal. Posiciona-se sem pensar atrás da estante de poesia. Está parado lá há alguns minutos, sozinho e sem enxergar ninguém, quando escuta uma voz doce ao seu lado:

- Não sabia que gostava de poesia.

Era Clara. Estava com um vestido estampado e discreto, de alças finas e tecido leve que ia até o meio das pernas em diagonal. O lado direito, mais longo que o esquerdo, passava do joelho. Sem nenhuma maquiagem, apenas o batom claro. Estava especialmente linda. Carlos Xavier se apruma e tenta responder:

- Comecei agora. Com um poeta que era bem jovem, mas que infelizmente morreu.

Clara abaixa a cabeça e esconde o queixo, como se estivesse envergonhada. Ele continua:

- Dizem que ele se matou. O detetive que está investigando o caso já está chegando a algumas conclusões.

- E qual a conclusão que o detetive está chegando?

- Isso eu não sei. Seria somente com ele. Sou apenas um sujeito que lembrou que gostava de ler, por causa desse autor específico. Estou eu aqui, inclusive, por causa do lançamento dele.

- Me diga, o que é que esse poeta escreveu que lhe lembrou do gosto pela leitura?

- Bem, eu não sou um crítico e, como disse, estou meio enferrujado nesse negócio de livros, mas ele me fez entendê-lo. Parece que ao lê-lo, eu posso compreender como ele pensava, como sentia. Posso decifrar tudo o que ele queria dizer. Ele se transformou em um ser transparente para mim, uma espécie de amigo virtual.

- É... Curioso. Geralmente os poetas novos, contemporâneos, gostam de ser herméticos. Procuram a “metáfora perfeita”, a figura de linguagem que englobe todas as outras palavras. Viram esfinges indecifráveis.

- Parece que ele escreveu para que todos entendessem.

- Será? Não seria apenas porque ele escreveu sem pretensão literária, como uma espécie de diário e, por acaso, esse calhamaço virou público? E, por outro lado, não seria curioso, e extremamente viável, que os escritos fossem obra de uma mente maquiavélica, feita apenas para confundir? Na verdade, nada daquilo seria verdade. Tudo inventado. Toda a angústia, a dor, o desespero. O poeta seria apenas outra obra da ficção.

Xavier fica surpreso e sem reação. Tinha mentido, fingindo estar seguro naquele ambiente. Tinha encarado o livro como verdadeiro, mas o seu pensamento começa a se perder em devaneios. “Será que podemos descrever tão bem as frustrações sem termos passado por elas?”, se pergunta. Não era a primeira vez que Clara tentava confundir sua cabeça. Ela fornece duas opções antagônicas. O provável é que nenhuma das duas seja a correta, que haja uma outra que ela não quer dizer. “Talvez seja melhor contornar a situação, deixar que ela se sinta mais à vontade e tente fechar o cerco”, conclui o detetive, quando tem o pensamento interrompido.

- Vamos – diz Clara.

Os dois caminham juntos, ela na frente, ele atrás. Xavier não sabe para onde, mas pouco lhe importava. Só tinha olhos para ela: suas costas à mostra, a cintura fina, seu quadril ligeiramente maior, seu bumbum pequeno e arredondado. Movimentava-se ligeira, leve, escorregadia. Os dois se aproximam da mesa principal e Xavier vê Maria Teresa junto de um sujeito estranho.

- Olha quem está aqui – fala Tetê, com uma ponta de desprezo no tom.

- Não poderia perder esse evento por nada – responde o detetive.

- Quem é este? – o estranho pergunta.

- Este é Carlos Xavier, o investigador da polícia no caso do Otávio, lembra dele? - Tetê avisa. O detetive estica a mão:

- Já ouvi falar – responde o sujeito – Sou Juarez, o editor do Otávio, a que devemos a sua visita?

- Começo a me interessar por literatura. Não sabia que poderia ser tão surpreendente.

Xavier recebe o livro da mão do editor e observa a capa. É uma foto de um quarto, parece o do próprio Otávio. Há um detalhe no fundo, parece uma... “É uma arma”, conclui, sem falar. Eles fizeram a reconstituição da cena. “Canalhas”, xinga-os mentalmente.

- Pena que o autor não poderá autografar o meu livro – Xavier arremessa a frase com o intuito único de causar constrangimento.

- Vamos – repete Clara para Xavier.